

LUC DE HEUSCH: BREVE APRESENTAÇÃO*

Vítor Oliveira Jorge**

Esteve entre nós em Junho/Julho de 1999 uma das principais figuras da antropologia cultural belga, um grande especialista em estudos africanos, o Prof. Luc de Heusch. Padrinho do doutoramento "Honoris Causa" que a Universidade do Porto então outorgou à sua compatriota Marie-Louise Bastin, participou depois num Colóquio promovido pela FLUP em torno de temas da arte africana.

Como nenhuma das obras de Luc de Heusch está traduzida em Português - o que não nos surpreende, tão confrangedoramente pobre continua a ser o nosso panorama editorial - justifica-se que apresentemos aqui brevemente o autor, para que seja mais conhecido, lido e estudado no nosso país. Portugal, como antiga entidade colonizadora, não deveria alhear-se das questões culturais - e, outras, naturalmente - que têm a ver com África, um mundo riquíssimo com que contactámos durante séculos, e que parece continuar a ser um desconhecido (ou uma realidade indiferente) para as nossas elites culturais. Há aqui um vazio imenso, quase incompreensível, que importa colmatar. Tal colmatação passa inevitavelmente pela antropologia.

Ora, descobrir Luc de Heusch é contactar simultaneamente com facetas da antropologia da África centro-ocidental, e com toda uma geração de intelectuais belgas que desenvolveram o cinema documental e o gosto por várias formas inovadoras de expressão artística, nomeadamente através do movimento COBRA, em que o autor se integrou.

De facto, Luc de Heusch desdobrou a sua actividade pela docência e investigação, e pela criação filmica. Ensinou antropologia social e cultural na Universidade Livre de Bruxelas, de 1955 a 1992, tendo

* Síntese do Elogio do Professor Luc de Heusch, por ocasião do Doutoramento *Honoris Causa* da Prof.^a Marie-Louise Bastin.

** Professor Catedrático do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP.

hoje o título de “Professor Emérito” dessa Escola.

Por duas vezes (de 1966 a 68 e de 1973 a 75), desempenhou as funções de Director de Estudos, associado da Escola Prática dos Altos Estudos (secção de ciências religiosas) em Paris, onde também dirigiu o laboratório, ligado ao CNRS (Centro Nacional da Investigação Científica) de “Sistemas de Pensamento na África Negra”.

Os livros fundamentais de etnologia do Autor, sobre os mitos e ritos bantos, escritos numa perspectiva estruturalista e comparativa, são (todos publicados pela Gallimard, Paris): *Por quê casar com ela? E outros ensaios*. (1971), *O rei ébrio ou a origem do estado* (1972), *Reis nascidos de um coração de vaca* (1982) e *O sacrifício nas religiões africanas* (1987). Com a mesma chancela está para sair um quinto *O Rei do Congo ou os monstros sagrados*.

Aplicando, de algum modo, o estruturalismo lévi-straussiano à “África Negra”, onde lidou com sociedades muito diferentes daquelas que tinham inspirado o seu colega francês na América do Sul, Luc de Heusch interessou-se particularmente pelo simbolismo da realeza, pelos rituais e mitos do parentesco, pelo xamanismo e estados de transe, pela natureza da magia e pelo papel do sacrifício. No fundo, a obra inspira-se em Frazer e naquilo que este designou a “realeza sagrada”. Essa “realeza sagrada”, ritualizada, é obviamente uma instituição política, mas o autor procurou sobretudo mostrar a sua coerência como estrutura simbólica. Há também aspectos do pensamento de Heusch em que este foi “beber” a Dumézil. J. Frazer/Lévi-Strauss/G. Dumézil são uma espécie de triade inspiradora deste antigo aluno de Marcel Griaule. Como se sabe, foi Griaule quem, nos anos 30, descobriu a importância dos mitos africanos.

Mas, como autor, Luc de Heusch foi bem além da antropologia. Publicou também, por exemplo, um ensaio sobre o nacionalismo, intitulado *Posturas e Impostura* (Bruxelas, Ed. Labor, 1977) vários ensaios sobre artistas belgas contemporâneos, reunidos em *Isto não é a Bélgica* (manifesta alusão a um quadro de Magritte) (Bruxelas Ed. Complexe, 1992), e as suas recordações de viagem, em 1998 (*Actes-Sud*) (*Memória, O meu belo navio, As férias de um etnólogo*).

Para compreendermos a personalidade intelectual do autor, temos de nos recordar que, como escritor e cineasta, ele participou no movimento artístico-filosófico-político COBRA, de 1949 a 1951. Como é sabido, este conjunto de criadores, centrado em Paris, era oriundo de vários países, a cujas capitais o nome do movimento aludia: Copenhague, Bruxelas, Amsterdão. Caracterizava-o uma postura libertária, surrealista, procurando “unir a arte e a vida” e exprimir directamente as fantasias subconscientes. De Heusch aprendeu a fil-

mar com o talentoso Henri Storck, fundador do cinema documental belga, tendo sido seu assistente de realização de 1947 a 49. Dedicou diversos ensaios e filmes a companheiros seus do movimento COBRA (Alechinsky, Dotremont, Reinhoud), e ainda a Magritte e a Ensor. Também realizou os filmes “Perséfone” (1951), a longa metragem de ficção “Na quinta-feira cantaremos como domingo” (1967) e outras obras que o próprio autor considera como “etno-ficções” ou olhares sociológicos sobre a Bélgica: “Os gestos da refeição” (1958), “Os amigos do prazer” (1962), “Os amigos do prazer trinta anos depois” (1995). Para o canal “Arte” elaborou, já em 1999, o filme “Quando eu era belga”.

É igualmente autor de um importante conjunto de filmes documentais, de carácter etnográfico e/ou histórico, sobre a realidade africana: “Rwanda, quadros de uma feudalidade pastoril” (1956), “Na pista da raposa pálida” (1984), e “Uma república que se tornou louca: Rwanda 1894-1994” (1996).

Luc de Heusch é Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Estrasburgo (Ciências Humanas) e membro correspondente da Academia Real Belga.

Sobre o autor, o seu ambiente intelectual e os objectivos do seu trabalho pode ler-se, entre outros, um interessante volume da Revista da Universidade Livre de Bruxelas (1991/3-4) intitulado “Cobra en Afrique”.